

Educar para competências: o desafio do professor no novo contexto social

Vasco Pedro Moretto

É comum, no dia a dia, usarmos expressões como: “Vou procurar um médico, mas quero que ele seja competente”, “... fulano é realmente um engenheiro competente”, “... a empresa conseguiu crescer porque contratou um administrador competente”. Assim, parece claro que, para o senso comum, a competência está associada a um conjunto de elementos que permitem a um sujeito abordar uma situação complexa e resolvê-la, de acordo com as expectativas. E, quanto melhor for o desempenho do sujeito na solução, mais competente o consideramos.

Nessa linha de pensamento, conceituamos competência no campo que nos interessa, isto é, a educação em contexto escolar. De acordo com o conceito proposto por Le Boterf e Perrenoud, **competência é a capacidade de o sujeito mobilizar recursos visando a abordar e resolver uma situação complexa.**

Temos, assim, aspectos importantes a analisar. O primeiro diz respeito a enxergar a competência como uma capacidade do sujeito: “ser capaz de”, ou seja, o sujeito é competente. O segundo é ligado ao verbo mobilizar, que significa movimentar com força interior, o que é diferente de apenas deslocar, que seria transferir de um lado para outro. O terceiro refere-se à palavra recursos. Por fim, o conceito de competência está ligado à sua finalidade: abordar (e resolver) situações complexas. Vamos aprofundar a seguir cada uma dessas diferentes dimensões.



Competência não se alcança

Colocamos como princípio **competência não se alcança, desenvolve-se.** Nesse sentido, a competência é vista como uma característica do sujeito que desenvolve sua capacidade de resolver situações complexas. Imaginemos um jogador de futebol. Ele não nasce sabendo jogar futebol. O que ele pode ter é a tendência para jogar bem e, com treinamento constante, muito esforço, ele melhora sua capacidade de jogar futebol. Dizemos então que ele **desenvolveu** sua competência para jogar futebol. Esse desenvolvimento chega a níveis diferentes para cada jogador. Alguns parecem ter desenvolvido sua competência num nível elevado. São craques! Outros, nem tanto. A situação é

a mesma para todos: jogar futebol. A capacidade de cada um jogar cada vez melhor é o que constitui a competência desenvolvida.

A palavra-chave então é **desenvolvimento** de competências. Haverá um limite para elas? Imagina-se que não. Para qualquer situação complexa, os sujeitos poderão ter maior ou menor competência. Assim, esta pode ser vista como um constante desafio para cada sujeito superar os próprios limites.

Outro fundamento para o modelo do desenvolvimento de competência é que **competência não se lista, listam-se as situações complexas para as quais se devem desenvolver as competências que irão resolvê-las.**

O que tem ocorrido com frequência é a apresentação de listas de competências que os alunos devem alcançar ao fim de um período de aprendizado. Listam-se também competências que os alunos deverão ter para enfrentar provas de concursos, vestibulares, Enem, Enade, etc. Mas, na verdade, se competência é uma capacidade individual, ela não pode ser listada. O que deve ser objeto de listas é cada situação complexa (ou situação-problema) para a qual o indivíduo deverá demonstrar ter desenvolvido a competência.

Os cinco recursos

Para abordar e resolver qualquer situação complexa com competência, um indivíduo precisa ter os seguintes recursos: **conteúdos conceituais, habilidades, domínio de linguagens, valores**



culturais e administração do emocional. Em determinadas situações, um ou dois dos recursos serão mais exigidos que os outros, e, em outras, a falta de um deles pode bloquear todos os outros. Vejamos o que isso significa.

1. Conteúdos conceituais

Para resolver uma situação complexa, em primeiro lugar o indivíduo deve conhecer os conteúdos conceituais relativos a ela. Por exemplo, se a situação complexa for “interpretar um texto”, é preciso ter o conhecimento específico relativo à sua abordagem. Se a situação for “observar um fenômeno científico”, é necessário saber quais os conteúdos específicos ligados à observação, às normas da observação científica, à construção de modelos, entre outros aspectos.

Sob essa perspectiva, é falso afirmar que o ensino para o desenvolvimento de competências não se preocupa com os conteúdos a ser trabalhados. O que se busca é que esses conteúdos sejam **relevantes**, isto é, que tenham sentido para o indivíduo, dentro de seu contexto. Decerto, o ensino para competências tem uma prática diferente daquela que a escola tradicional fazia, isto é, listava os conteúdos e depois ia buscar uma situação em que, possivelmente, eles pudessem ser aplicados. Muitas vezes se inventava uma situação tão artificial que se tornava ridícula. A orientação no ensino para competências busca o oposto: estabelecer uma situação complexa a ser tratada e escolher os conteúdos conceituais que precisam ser conhecidos para abordá-la. Assim, a análise sintática da sentença “A rosa amarela está no vaso de vidro verde”

é considerada uma situação complexa – afinal, o grau de dificuldade será dado pelo grau de conteúdo conceitual atingido por quem abordar a situação. Para fazer essa análise é preciso ter conhecimentos específicos sobre sujeito, predicado, verbo, adjetivo, complemento nominal, entre outros.

Alguém poderia argumentar que é necessário ter desenvolvido o domínio de conteúdos conceituais para ministrar aulas de Educação Física. Os professores dessa disciplina certamente devem ter inúmeros argumentos para comprovar isso. É por essa razão que, durante sua formação, eles passam três ou quatro anos aprendendo fundamentos sobre o corpo humano, relações humanas e todo tipo de exercícios e as consequências que podem trazer quando são mal executados.

2. Habilidades/procedimentos

De modo geral, associa-se o termo habilidade a “saber fazer” algo específico. Isso significa que a habilidade está associada a uma ação, ou física ou mental, indicadora de uma capacidade adquirida. Assim, identificar, relacionar, correlacionar, aplicar, analisar, avaliar, manipular com destreza são verbos que podem indicar a habilidade adquirida pelo indivíduo em campos específicos. Note que a habilidade não é associada a algo inato, como muitas vezes se pensa. Ninguém nasce com habilidade de jogar tênis, ou tocar piano, ou jogar futebol, ou nadar, etc. É preciso muito treinamento para que o sujeito possa saber fazer, e fazê-lo bem. É evidente que certas pessoas podem ter alguns elementos, tanto físicos como intelectuais ou cultu-

rais, que facilitem o desenvolvimento de habilidades e as façam desenvolver competência maior que a de outros. Mas é necessário trabalhar muito para desenvolver essas habilidades.

No ensino de uma língua estrangeira, por exemplo, usa-se a repetição sistemática para chegar à habilidade de falar e/ou escrever. O que importa, sobretudo, não é apenas a repetição sem significado, mas sim aquela que demonstre conhecimento específico, além do saber fazer. No ensino da Matemática, é comum a repetição de exercícios para fixar na mente dos alunos a maneira de resolver problemas ou algoritmos. Essa é uma forma de desenvolver habilidades mentais. Assim, após explicarem como se soluciona uma equação de 1º grau, os professores solicitam aos alunos que resolvam listas de exercícios de fixação. Nesse caso, vale dizer que não basta treinar os alunos para desenvolver habilidades como forma de alcançar a competência. É preciso que os alunos façam os exercícios não apenas repetindo mecanicamente os passos, mas compreendendo conteúdos conceituais e o porquê de cada passo.

3. Domínio de linguagens

O domínio de linguagens é outro componente relacionado à aquisição de competências. Em cada área do conhecimento, existem linguagens específicas, que se manifestam de diversas formas. Conhecer a linguagem específica necessária para solucionar uma situação complexa e utilizá-la corretamente é indicador de competência.

Pergunte a 20 pessoas: “Qual é seu peso?”, e certamente a maioria dará respostas como 60 kg, 82 kg,



56 kg, 32 kg, etc. Essas respostas indicam desconhecimento da linguagem do ponto de vista da Física, pois kg (quilograma) é a unidade de massa, e não de peso. Assim, se um indivíduo que estuda Física tiver de resolver uma situação complexa que envolva os conceitos de peso e massa, deverá conhecer a linguagem própria daquele campo. Imagine que o problema seja resolver a questão: “Um corpo de 40 kg é solto de uma altura de 8 m, caindo em queda livre, num local à beira-mar. Determine o peso do corpo e sua velocidade ao atingir o solo”. Para resolver essa situação é preciso dominar a linguagem específica, conhecer os conceitos que envolvem a situação e ter habilidade de aplicar as relações matemáticas envolvendo as grandezas massa e peso. É necessário compreender que o dado 40 kg é a massa do corpo, e não seu peso. Ao mesmo tempo, é preciso entender o que diz uma pessoa que, ao subir numa balança, verifica que seu peso é 40 kg. O que dá o sentido à linguagem é o contexto em que ela é utilizada. Assim, dominar a linguagem num determinado campo significa conhecer os vários sentidos que uma mesma palavra ou frase possa adquirir em diferentes contextos.

Busquemos outro exemplo, desta vez em Matemática: resolver a equação $2x - 4 = 12$.

É possível achar a solução para a questão como forma de adquirir a habilidade de solucionar equações de 1º grau, mesmo sem entender seu significado, e então a linguagem usada é mais ou menos a seguinte:

Tenho a equação $2x - 4 = 12$

Devo isolar o “x”.

O -4 passa para o outro lado e fica $+4$.

Temos, então: $2x = 12 + 4$
 Ou seja, $2x = 16$
 Agora, o 2 que está multiplicando passa para o outro lado dividindo.

Temos, então: $x = 16/2$

Em que, $x = 8$

Resposta $x = 8$

De outra forma, podemos resolver com competência esta situação complexa, com conhecimento de conteúdos específicos, domínio da linguagem adequada e o saber fazer.

Temos a equação $2x - 4 = 12$

Nessa sentença temos um termo desconhecido “x”, ao qual chamamos incógnita. Resolver a equação significa encontrar um valor para a incógnita que verifique ser verdadeira a igualdade que vemos na equação.

Nessa sentença matemática temos ainda duas operações indicadas, a subtração e a multiplicação, além do princípio da igualdade, cujo significado não é de “idêntico a”, mas sim de “equivalente a”. Os elementos do lado esquerdo da equação são distintos dos que estão do lado direito (apenas o 2 é “igual a”).

Para resolver a equação, é preciso usar uma nova linguagem, mas também conhecer seu significado. Assim, em lugar de dizer, “o -4 passa para o outro lado e fica $+4$ ”, como era feito na forma anterior, usa-se uma linguagem adequada: “para eliminar o -4 do primeiro membro da equação, é preciso aplicar a mesma operação (a inversa da subtração!) em ambos os lados do sinal de igualdade mantendo a equivalência da equação. Chega-se, então, a:

$$2x - 4 + 4 = 12 + 4$$

Como $-4 + 4 = 0$, chega-se a uma nova situação:

$$2x = 12 + 4$$

$$2x = 16$$

Veja que o $+4$ apareceu no segundo membro da equação. Não é o -4 que mudou de lado e de sinal.

O mesmo princípio será usado para eliminar o 2 que está multiplicando o “x”. Ele não passa para o segundo membro dividindo o 16, como era dito na linguagem anterior. O que se deve dizer é: vamos aplicar a operação inversa da multiplicação, dividindo ambos os membros pelo mesmo valor ($+2$) para manter o sinal de igual (equivalência). Chega-se, assim, a:

$$\frac{2x}{2} = \frac{16}{2}$$

$$x = 8$$

O aluno que desenvolveu competência para resolver essa situação, e não apenas a habilidade, substituirá o valor de “x” na equação original pelo valor encontrado 8, para verificar se a igualdade permanece. Assim:

$$2 \cdot 8 - 4 = 12$$

$$16 - 4 = 12$$

$$12 = 12$$

Isso indica que o valor encontrado para a incógnita, 8, é a solução da equação.

Com esse exemplo, é possível entender a diferença entre abordar uma situação complexa apenas com habilidade e abordá-la com competência. Em ambas há um saber fazer, mas só em uma há um conhecimento dos conteúdos conceituais específicos, linguagem adequada e a habilidade desenvolvida.

4. Valores culturais

Outros componentes associados ao conceito competência são valores culturais. Esses valores são especifi-

administração das emoções

conceituais habilidades procedimentos domínio de linguagens valores culturais conteúdos

cos a diferentes contextos e precisam ser mobilizados na abordagem de uma situação complexa. Como no exemplo a seguir: um professor de Matemática prepara as aulas e uma prova escrita. Ele enfrentará valores culturais relativos a essa situação, expressos da seguinte forma: “Matemática é difícil mesmo, não consigo aprender”; “O que vou fazer com este monte de fórmulas, esta álgebra toda, se quero seguir Jornalismo?”; “Quem não cola não sai da escola, por isso vou para a prova com minhas colinhas prontas”.

Ministrar uma aula de Matemática para um grupo de alunos que compartilham esses valores culturais é, sem dúvida, uma situação complexa. O professor pode fazê-lo de várias formas. Uma delas é vangloriar-se de que sua matéria é difícil mesmo e que os alunos têm de estudar muito para ser aprovados. Com essa maneira de pensar, dá muita matéria, propõe muitos exercícios e cobra nas provas problemas complicados. Na hora da avaliação, reage à “cultura” relativa à cola elaborando dois ou três tipos de prova, coloca os alunos em linha para evitar qualquer contato e os vigia para evitar fraudes.

Mas o professor que ensina em busca do desenvolvimento das competências reage de outra forma. Não faz segredo dos objetivos de suas questões, pois está convencido de que a avaliação é apenas um momento especial do processo da aprendizagem. Elabora situações que levem o aluno a manifestar suas competências, como o faz um profissional, isto é, dando oportunidade para consultas ou mesmo fazendo provas em duplas, para que a interação com o outro facilite a aprendizagem. Aos poucos, os alunos

passam a sentir outros valores culturais, encarando avaliações como momentos privilegiados de estudo.

Para agir de forma competente ao ministrar uma aula, o professor precisa, em primeiro lugar, conhecer bem os conteúdos pertinentes à sua disciplina. Em seguida, deve ter as habilidades necessárias para organizar o contexto de aprendizagem, escolhendo estratégias de ensino adequadas. Na escolha dessas estratégias, deve levar em conta os valores culturais de seu grupo de alunos e dirigir-se a eles com uma linguagem clara, precisa e contextualizada.

5. Administração das emoções

O quinto recurso é a administração das emoções. Sem dúvida, muitos professores já escutam algum aluno dizendo: “Professor, estudei e sabia tudo, mas na hora da prova deu branco”. Isso é o que se entende por administração das emoções.

O exemplo novamente é a vivência do professor em sala de aula. Certamente, a capacidade de administrar suas emoções diante de um grupo de alunos que não rendem o que ele desejaria é um recurso fundamental para que demonstre competência profissional. Mas é necessário também criar espaço para que o aluno aprenda a administrar suas emoções.

Competência é a **capacidade** do sujeito em mobilizar recursos. O que isso significa? Imagine um jogador de tênis conhecido como o nº 1 do ranking mundial e que perde uma partida para o 98º do ranking. Não é possível dizer que ele não tem competência, apenas que sua performance não esteve ao nível de sua competência. Aqui se introduz o conceito de desempenho (performance), como

um indicador da possível competência do indivíduo – diz-se possível porque quem não tem competência provavelmente não terá uma boa performance. Por outro lado, quem não teve boa performance numa situação determinada pode ter grande competência em relação à mesma situação.

A prova é uma situação complexa a ser enfrentada pelos alunos que requer administração das emoções. O que os professores podem avaliar pelas provas é a performance do aluno, que pode ser o indicador de sua competência. Mas uma performance aquém do esperado não significa falta de competência. Por esse motivo, um professor competente não avalia seus alunos por uma prova. Da mesma forma, não é admissível que um professor reprove um estudante por alguns décimos nas notas. Ao professor competente cabe administrar vários instrumentos de avaliação da aprendizagem.

O novo Enem tem preocupado alunos, professores e gestores educacionais. O objetivo do novo exame é descobrir se os alunos desenvolveram recursos para resolver situações complexas que exijam capacidade de interpretação e análise. Ao professor cabe ajudar os estudantes a adquirir os recursos cognitivos necessários para empreender essa nova abordagem. Não se deve entender de forma errada a competência, como algo que deve ser determinado e depois aplicado. Uma pedagogia de projetos parece coerente com essa visão do ensino para competências. Cada projeto estabelece a situação complexa, e na sua programação se buscam os recursos necessários para levá-lo a bom termo. Essa visão estabelece novas relações entre o professor, o aluno e o conhecimento em contexto escolar. Pensar nelas e levá-las para a prática docente é tarefa do educador. **E**

Arquivo pessoal



VASCO PEDRO MORETTO é mestre em Didática das Ciências pela Universidade Laval, Québec, Canadá, licenciado em Física pela Universidade de Brasília (UnB), pós-graduado e especialista em Avaliação Institucional pela Universidade Católica de Brasília, além de professor de

Atualização em Didática na Pós-Graduação